

ATRAVÉS DOS ROMANCES DE ALENCAR

JOSÉ VALDIVINO DE CARVALHO

É meu intento, aproveitando o ensejo do transcurso solene do Centenário de falecimento de José de Alencar, o que ocorre a 12 de dezembro deste ano, trazer minha pequena pedra de homenagem às comemorações, que o Brasil inteiro presta à memória do romancista imenso.

Através de seus romances, pretendo mostrar à mocidade ginasial a fisionomia criadora do grande cearense, que, por meio de sua ficção, fez o enlevo de gerações.

Alencar foi um grande cérebro que abraçou, na sua pena, a geografia nacional e a sociedade do 2.^o Império, pondo em primeira linha, a escola indianista da qual foi mestre, naquela segunda metade do século dezanove.

Meu estudo tem aspecto didático: pretendo mostrar aos moços o que gerou, com tanta beleza, o cearense ilustre. Talvez desperte o desejo patriótico de conhecer, por meio de leitura demorada, o coração de sua obra monumental, como arte literária, até agora, presente no mundo cultural brasileiro.

Apresento, sempre que possível, apenas relato, leves observações sobre sintaxe e estilística, referentes aos textos.

I R A C E M A

Romance-poema de Alencar. O espírito poético e romântico do autor derramou-se, cheio de ternura, em toda a narrativa.

Passa-se o episódio no Ceará, de norte para sul, da serra da Ibiapaba até a ponta-nordeste do Mucuripe, à beira do Atlântico.

O livro é de 1865. A edição por que me dirijo é a da Imprensa Universitária do Ceará, comemorativa do centenário da publicação — (1865 — 1965), sob a orientação do crítico cearense Braga Montenegro. Aquele tempo, IRACEMA já estava na 13.^a Ed. IRACEMA está traduzida em inglês, latim, francês, alemão e espanhol. Conforme Braga Montenegro, apoiado em Mário de Alencar, “Existe uma tradução alemã em verso”.

Figuras principais: Iracema, a jovem índia de grande formosura, filha de Araquém, o pajé. MARTIM, figura histórica, moço militar português, perdido nas matas cearenses. CAUBI, irmão de Iracema. Irapuhã, índio da nação tabajara.

Densenvolvimento do drama.

Certa vez, perdido nas matas, Martim encontra-se com Iracema, que, assustada, fere com uma flexa o rosto de Martim. O acontecimento, porém, une os dois. Assim, Iracema leva o guerreiro branco à cabana de Araquém, seu pai, chefe da tribo tabajara, o qual recebe amigavelmente o estrangeiro.

Iracema dá à luz MOACIR, já nas areias do Mucuripe.

Amigo, leia o romance-poema! Faça como todo cearense! “É o livro máximo de Alencar”, segundo Braga Montenegro.

NOTAS E OBSERVAÇÕES

Jaspeie — do verbo jaspear. Ter aspecto de jaspe, esbranquecer-se.
Rafeiro — cachorro de vaqueiro.

“O coração aqui no peito de Irapuã ficou tigre” (78) — tigre, neste caso, é o complemento predicativo de “ficou”.

“A alvorada abriu o dia e os olhos do guerreiro branco.” (81)

Expressão de grande poder metafórico.

“Tu levas a luz dos olhos de Iracema e a flor de sua alma” (83)

Isto é: tu levas a vida de Iracema. Metáfora

“Bem-ido”, corresponde a benvindo. Não é usado.

“A tarde é a tristeza do sol” (88) Belíssimo caso de prosopopéia.

“A boca do guerreiro pousou na boca mimosa da virgem. Ficaram ambos assim unidos como dois frutos gêmeos do araçá, que saíram do seio da mesma flor”. Belíssimo caso metafórico. É modelo de hipérbole.

Admire o encantamento expressional do autor, para traduzir o senso de pudor, que Iracema tinha n'alma: “Curvou a virgem a frente; velando-se com as longas tranças negras que se espargiam pelo colo, cruzando ao grêmio os lindos braços, recolheu em seu pudor.” (120)

“Grêmio” significa, neste passo, o colo, o regaço da moça; isto é: curvou-se sobre si.

Caubi, irmão de Iracema, aparece de surpresa na cabana, no Mucuripe, onde morava a irmã. Dá-se, então, esta cena:

— Então, bem-vindo seja o guerreiro Caubi na cabana de seu irmão (refere-se a Martim) (parênteses meus), respondeu a esposa abraçando-o.

— O filho nascido de teu seio dorme nesta rede: os olhos de Caubi gostariam de vê-lo. Iracema abriu a franja de penas e mostrou o lindo semblante da criança. Caubi, depois que o contemplou por muito tempo, entre risos, disse:

— Ele chupou tua alma. (.....) A voz trêmula da filha ressoou:

— Ainda vive Araquém sobre a terra?

— Pena ainda: depois que tu o deixaste, sua cabeça vergou para o peito e não se ergueu mais.

— Tu lhe dirás que Iracema já morreu, para que ele se console.”

Observemos duas passagens: “Ele chupou tua alma”. Isto é: ele é teu retrato... Ele és tu, escritinho!... O verbo chupar tem, aqui, um sentido metonímico.

“... seus olhos viram sentada, à porta da cabana, Iracema com o filho no regaço, e o cão a brincar. Seu coração o arrojou de um ímpeto e a alma lhe estalou nos lábios: — Iracema!”

Alencar procurou traduzir, nesta expressão fraseológica tão comovente, o amor de Martim à esposa, pela força metafórica dos verbos “arrojou” e “estalou”.

A N T O L O G I A

“Nesta lagoa azul, que o céu azul espelha,
Cercada do verdor do basto cajueiral,
Iracema, ao luzir a primeira centelha
Do sol, vinha banhar o corpo escultural.

Balouçava-se em torno a odorante corbelha
Dos áureos água-pés... No ambiente de cristal,
A graúna, o sabiá e o cabeça-vermelha
Entoavam da manhã o cântico triunfal

Entre o fino junçal, que se dobrava ao vento,
Jaçanãs, paturis, marrecas, cento e cento,
Volitavam cantando uma hosana sem fim,...

E Iracema, a nadar n'água cheirosa e fria,
Pelas margens o olhar, com ternura, estendia
A ver se descobria o vulto de Martim..."

O soneto é de Antônio Sales, poeta e romancista cearense.

Soneto publicado no **Correio do Ceará**, na edição de 2 de maio de 1929, ano centenário de nascimento de JOSÉ DE ALENCAR.

"DEPOIS DE LER IRACEMA

Apenas findo a rápida leitura,
Na mente, as raras cenas recomponho
Desse livro, ao começo tão risonho
E ao findar tão cheio de amargura.

Os olhos cerro e em cômoda postura
Percorro os mundos ideais do sonho,
Desfazendo, ora alegre, ora tristonho,
De remoto passado, a venda escura.

E sinto nálma uma tristeza infinda,
Vendo morrer a tabajara linda
De quem nos fala o trágico poema.

E ouço a onda morrer beijando a praia
E a triste voz plangente da jandaia
A repetir o nome de IRACEMA."

Padre Antônio Tomás, poeta lírico cearense, uma glória da poesia brasileira.

O GUARANI

Romance indianista publicado em 1857.

Passa-se no interior de São Paulo, às margens do rio Paraíba. Figuras principais: PERI, o índio dedicado, heróico e fiel. CECILIA (Ceci), sob cuja proteção vive, entre civilizados, o silvícola.

D. Antônio de Mariz, personagem histórica, fidalgo português, egresso de Lisboa, dada a dominação espanhola.

Dona Lauriana, sua esposa.

Dom Álvaro, filho do casal.

Dom Diogo, sobrinho de dom Antônio.

Isabel, apaixonada de dom Diogo.

Loredano, aventureiro infiel. Os capítulos são intensamente movimentados, de lances imprevisíveis: o ataque dos índios Aimorés, a perseguição de Loredano e seus apaniguados, contra dom Antônio.

A leitura é atraente, armada num estilo próprio, dentro do clima romântico. Não se impressione com as desobediências à gramática; é um simples comportamento pessoal do escritor.

Faça o possível de ler o livro.

O GUARANI foi traduzido para o francês, espanhol, italiano e alemão. Fora publicado em folhetins no *Diário do Rio*, no ano anterior.

É um dos romances famosos e de grande implicância lírica de Alencar.

SENHORA

É de 1875. O panorama do romance reflete usos sociais, costumes de família, processos comerciais, interesses nacionais do Brasil império, naquela segunda metade do século XIX.

Certos problemas envolvem a jovem Aurélia Camargo, que, com a altivez de seu caráter, enfrenta-os com nobreza de coração.

Pela denominação dos capítulos, depreende-se o senso utilitarista da estória, processo com que jogou Aurélia.

E uma contínua tecedura de interesses e romantismo compõe o bonito drama. Ao longo da leitura, você verá o espírito artístico e as tendências literárias de Alencar.

Personagens: Aurélia Camargo, mocinha pobre, mas que, por uma herança recebida, torna-se conhecida pela sua fortuna. Seixas, antigo namorado de Aurélia.

Lemos, procurador de Aurélia.

OBSERVAÇÕES

- conversadeira: era o termo usado antigamente para se dizer: espreguiçadeira, cadeira de balanço.
- sujeita (p. 25. Melhoramentos, 1940) = designação dada a pessoa pobre.
- “Dona Camila com as filhas estava ao chá.” (p. 51) O filólogo e gramático Martinz de Aguiar (cearense) daria a seguinte sintaxe: “Dona Camila com as filhas estavam...”
- “. . . desconfio que é uma rapaziada”: hoje diríamos “uma farra, uma noitada”.
- “. . . não lhe ficava na lembrança uma fisionomia, uma palavra, uma circunstância qualquer”; o verbo está no singular pelo fato de os sujeitos serem considerados sinônimos.
- “formigueiro” — pessoa empregada no trabalho de matar formiga.
- “pêndula” — relógio de parede.
- rolho: gordo, gorducho, roliço, nédio.

O TRONCO DO IPÊ

Livro de 1871. Alencar faz transcorrer o drama no interior de São Paulo, nas ribas do Paraíba, como n’ *O Guarani*.

A fazenda de N. S. do Boqueirão é o centro do drama, onde se desenvolvem todas as cenas, aproveitando o autor o panorama vivo e policrômico da fecunda natureza brasileira, àquele tempo, na primeira metade do século XIX.

Personagens principais — Mário, Alice, o barão de Espera, o escravo pai Benedito, Adélia e Lúcia. O Tronco do Ipê é um misto de realidade e fantasia. O salvamento de Alice, de um afogamento, por parte de Mário, prende o leitor, pelo modo vivo da narração.

Observe o comportamento moral de Mário.

Leia o livro, mas... cuidado com o “tronco do ipê”.

OBSERVAÇÕES

“ungula’ — p. 9. É a palavra “unha”, em latim.

“mentruz” — forma popular de mastruz ou mastruço. Ervazinha de propriedades medicinais. O gramático piauiense, ANTÔNIO SOARES, residente em Fortaleza, tem trabalho completo sobre a palavra.

“E era bonita a princeza?”

Não se fala: era uma Virgem Maria." isto é: era tão linda quanto o rosto de Nossa Senhora. Expressão piedosa popular.

"pés zambros" = pés tortos, zambeta.

Bonito pensamento: "A solidão é alcova da alma."

Bela reflexão: "Um perigo vencido é um degrau que sobe a alma do homem."

"consumatum est"; falta mais um "m" = consummatum. É termo latino. Significa em português — "acabou-se", "tudo é terminado". Foram as últimas palavras de Nosso Senhor, do alto da Cruz.

"espírito" — forma popular brasileira; espírito, com significado de "chá", café, estimulante.

"conjugo vobis" — A forma correta é: "conjugo vos". O pronome está no acusativo latino; é o objeto direto do verbo.

"mantém de cozinha" — ou mantel; pano de cozinha, toalha.

"Era um jequitibá, reliquia da antiga mata virgem" = sinal do desmatamento para estabelecer-se a fazenda. A presença da árvore primitiva lembra o cuidado com as árvores.

"representando ao natural a lenda popular do nascimento de Cristo." Idéia do autor, não condizente com a verdade histórica.

O nascimento de Cristo não é lenda, mas fato real.

"Ne sutor ultra crepidam". Palavras do escultor grego Apeles: — não suba o sapateiro além da chinela". Dito latino, referente ao abuso e imprudência de quem disserta sobre assunto que não é de sua competência.

"alumbre" — claridade; inusitado.

"Quem nessa noite a recolheu à casa-grande não foi o jovem doutor chegado ultimamente da Europa, mas o órfão de outrora com todas as suas paixões". Quer dizer: a vivência na Europa, em 7 anos de estudo, não influiu no caráter nobre de Mário.

"A esquivança de Mário por Alice e a sua assiduidade com Adélia continuou". Engano de Alencar ou de contínuas reedições do romance?

O verbo, no caso vertente, não pode estar no singular, porque são dois termos verbais de movimentos opostos; não são sinônimos.

"Escultava imóvel de surpresa" — escultava é forma imprópria; deve ser: escutava de escutar. Não se confunda com "auscultar", que é termo próprio de medicina.

Veja que beleza de pensamento: "Como a lava de bronze que o estátuário vaza no molde, é nossa alma na infância. Esculpe-se à feição da natureza que a cerca; e quando chega a mocidade, e funde-se a estátua, não é mais possível dar-lhe vária forma."

Ah, se fosse possível copiar este período alencarino e distribuí-lo com sociólogos, ecólogos e psicólogos!... Outro galo cantaria no meio ambiente moderno de cada um!..

SONHOS D'OURO

Romance social, de 1871. Transcorre — parte na Tijuca, parte em Botafogo (Rio de Janeiro), no mundo burguês do Império.

Figuras centrais: Guida, moça de grande formosura, filha do banqueiro Soares; Ricardo, moço paulista, pobre, advogado; Bela, moça paulista, apaixonada de Ricardo, desde a infância; Fábio, irmão de Bela.

O Autor faz do romance um cartão-postal das belezas naturais do Rio de Janeiro, de suas montanhas, baías e mares.

Leia o livro. Vale pelo estilo, linguagem. Saiba porque Alencar denominou seu romance SONHOS D'OURO.

Pela leitura, você notará a influência das literaturas inglesa e francesa.

“O olhar sobretudo que é o sol da dalma lhe esclarecia a larga fronte pensativa de reflexos inteligentes”.

“Preferes os lisongeiros, os corações de cortiça, as almas de esponja”.

“A presença, a simples presença daquele boneco, a torcer constantemente o bigodinho, e a mirar-se todo em si mesmo, quando não encontrava um espelho, produzia em um homem sério o efeito de uma lixa moral”.

“A mulher bonita obedece a uma lei da natureza, revelando-se na plenitude de sua graça: enfeita-se como a flor desabrocha, como a estrela cintila, como o céu se anila”.

CASOS A OBSERVAR

“cavalo isabel = cavalo de cor, entre o amarelo e o branco. Será o nosso “cavalo melado? Adjetivo inusitado.

“... de suprema correção hipiátrica” = diz respeito à Hippiatria, um capítulo da Veterinária. Com relação ao porte, ao passo do animal garboso.

“D. Joaquina e as pretas estavam recolhidas”. Hoje, diríamos: dona Joaquina e as empregadas (ou as domésticas...)

LUCÍOLA

É de 1862. Pertence ao ciclo social. Traça a figura angustiada, autêntica, nobre de uma jovem de nome Lúcia, que Paulo conhece e com quem trava conhecimento. Tem os traços nervosos de Aurélia Camargo, em *Senhora*. O drama apresenta uma atitude de salvação moral, de recuperação social de jovem prostituta, pelo amor e respeito a uma sua irmãzinha.

O livro pode ser lido, porquanto o comportamento de Alencar na pintura de quadros é de extraordinária nobreza, longe, muito longe do realismo literário contemporâneo.

Tipos capitais — Paulo, Lúcia, Couto.

OBSERVAÇÕES

— “romper a mole de gente” — grande quantidade, paredão. Não confunda com “molho” o “molhe”; um molho de chaves; não molhe suas mãos.

— “Bastou uma palavra, um sentimento de convenção” (p. 76). Sintaxe correta, porque o verbo permanece no singular, pois os sujeitos são sinônimos.

A VIUVINHA

Este romance é de 1857. Pertence ao grupo de romances sociais do autor, a pintura de tipo feminino.

Transcorre a narração no Rio de Janeiro, e é contado em forma de carta dirigida a “D”, sua prima. A vida urbana da capital, seus meios de transporte, seu comércio, quadros ecológicos, o movimento religioso, tudo se reflete n’ *A Viuvinha*.

Nesse episódio, Alencar apresenta esquisito caso de família, que circunstâncias especiais levam a bom termo.

Personagens: Jorge (ou Carlos), Carolina, Almeida.

OBSERVAÇÕES

- Goethe. João Wolfgang Goethe. Literato alemão, dos fins do século 18.
- “dolce far niente”: expressão italiana; significa: o doce lazer, vida despreocupada.

— “faria corar o próprio santo Agostinho” (p. 76. Ed. Didat.)

Agostinho de Hipona, bispo e santo da hagiografia eclesiástica. Quando moço, era um peralta maior. As orações de sua mãe, santa Mônica, o converteram. Um dos maiores teólogos da Igreja.

Tome nota deste conceito de José de Alencar: “Uma desonra não lava outra desonra. O homem, que atenta contra a sua vida, é fraco e cobarde”. (p. 83. Ed. Didat.)

CINCO MINUTOS

É de 1856. Curiosa estorieta, conseqüente de um pequeno atraso em transportes, no Rio. É o quadro da vida de cidade, onde, de instante para outro, cruzam-se tantos acontecimentos. Por cinco minutos...

Tipos principais: Carlota e o próprio autor, sob a forma de missivista. Alencar põe sempre em relevo figuras femininas de sua época. A leitura atrai pelo curioso da narração.

Há aqui, como em todas suas ficções — a mulher — agitada, angustiada, mas ascendendo em busca de um equilíbrio.

Leia *Cinco Minutos*. Vale cinco minutos...

OBSERVAÇÕES

“O canto já estava ocupado por um monte de sedas, que deixou escapar-se um ligeiro farfalhar, conchegando-se para dar-me lugar”. (p. 7. Ed. Didática)

Monte de sedas — em vez de “alguém”, uma senhorita, “uma senhora” = metonímia. O conteúdo pelo continente.

“ligeiro farfalhar; forma verbal substantivada, por força do artigo e do qualificativo. É um caso de diácope, no mundo da estilística.

“O pacote sumiu-se no horizonte” (p. 40). Semelhante ao final d’O Guarani: “E sumiu-se no horizonte.”

“Post-scriptum” — fórmula latina; significa em português: “depois de escrito.”

A PATA DA GAZELA

É romance da cidade, desenvolvendo-se no Rio de Janeiro, com seus modos e costumes.

Um defeito físico numa jovem de grande formosura e riqueza, tece um drama contínuo entre a *gazela* e sua *pata* . . .

Leia o livro. Agrada. É de 1880.

Tipos capitais: Amélia, Laura, Horácio, Almeida, Leopoldo de Castro.

OBSERVAÇÕES

“o vestido roxo debruçou-se de modo a olhar para fora no sentido contrário àquele em que seguia o carro, enquanto o roupão, recostando-se nas almofadas, consultava uma carteirinha (...)”

Observe as bem armadas **metonímias**: “vestido roxo” e “roupão”.

— Belo pensamento de Alencar. “O coração é um solo. Vale onde brotam as paixões, como os outros vales da natureza inanimada, ele tem suas estações, suas quadras de aridez ou de seiva, de esterilidade ou de abundância.” (p. 7)

“Um dos leões da rua do Ouvidor.” (p. 9) — isto é — um dos pelintras, um dos bem postos. Antigamente, em Fortaleza, chamou-se **almofadinha, bromil**, ao rapaz elegante, bem vestido.

“com que Alexandre se prometeu o império da Ásia” (p.17) muito bom exemplo de objeto indireto; isto é — prometeu a si, etc.

“Era um berro no meio de uma sinfonia”. Bela metáfora na força da antítese (isto é: **berro** e **sinfonia**).

Lindo pensamento cristão: “O homem que ama a mulher destinada a ser a companheira de sua existência, o complemento de seu ser imperfeito, não despreza essa mulher, porque a desgraça a feriu no invólucro material de uma alma. Ele pode sofrer com aquela desgraça; mas deve redobrar de amor e adoração, para que nem seus olhos vejam o defeito, nem ela, a mulher amada, se lembre nunca de que o tem para ele, embora o tenha bem claro para os indiferentes.”

— “decrépita fidalguia” (p. 103) adjetivo mordaz à nobreza do 2.º império. José de Alencar, politicamente, vivia sempre indisposto com Dom Pedro II.

O SERTANEJO

O romance passa-se nos sertões de Quixeramobim, município situado a 237 quilômetros da Capital, banhado pelo rio do mesmo nome. O termo é tupinico e significa “o recordar da infância, o que restou”. A propósito da etimologia da palavra, o poeta cearense

Andrade Furtado tem belo soneto — “Quixeramobim”. O romance é uma homenagem do autor ao Ceará, o que se verifica no primeiro capítulo: “Quando te tornarei a ver, sertão da minha terra, que atravessi há tantos anos na aurora serena e feliz de minha infância?” (p. 5).

Personagens: Arnaldo, jovem sertanejo, filho dos sertões cearenses; o capitão-mór Gonçalo Pires Campelo, proprietário da fazenda OITICICA, nas várzeas do Sitiá; dona Genoveva, sua esposa; dona Flor, mimosa filha do casal; o capelão da fazenda Padre Teles.

Elucidário — “à unha de cavalo” — i. e. viajar à força de cavalo, graças ao poder do cavalo.

Chapéu à frederica — i. é. segundo a moda do rei Frederico.

“inculca” — infunde, explica, comunica.

“guante” — luva de ferro com que o soldado medieval resguardava as mãos.

“asnejo” — relincho do jumento.

“pelo hispido” — cabelo grosso, descuidado.

“as armas e trajas venatórios” — trajas de caçador

“biltres” — criatura má, patife

“Taigoara” — livre

“coapara” — amigo querido

“rezavam baixinho a “magnifica” — aportuguesamento do termo latino “magnificat”, que quer dizer — engrandece”. É a palavra que inicia uma oração a Nossa Senhora.

QUIXERAMOBIM

Andrade Furtado

Na praça grande, o velho templo erguido
Relembra-me o fulgor de eras antigas...
Perpassam no ar dulcíssimas cantigas
De um ledó tempo, há muito decorrido!

Seguem-se as ruas plácidas e amigas...
Sobre o rio tão largo e tão comprido,
Enorme construção — ferro fundido —
A ponte, entre os pilares, alça as vigas.

Alencar narra a história comovente
De um índio cego a rebuscar, saudoso,
O campo onde nascera e pisa alfim...

O seu bravo sertão não vê, mas sente...
E exclama: Ah! meu passado aventuroso,
Meus belos dias — Quixara Qui-xe-ra-mo-bim!

UBIRAJARA

Romance de caráter indianista, publicado em 1874, tendo anos depois tradução em inglês e alemão.

— Passa-se às margens do rio Tocantins, no norte do País. Relembre-se, de relance, à mocidade brasileira que a robusta imaginação de José de Alencar envolveu, na sua romancística, todo o nosso Brasil. Alencar confessa claramente: “Este livro é irmão de Iracema”. Personagens: Ubirajara ou Jaguarê — índio poderoso e forte. Jandira — noiva de Jaguarê. Araci — índia da raça dos tocantins. Camachã, pai de Jaguarê. Pojucã, guerreiro chefe da grande nação tocantim. Itaquê, chefe da nação tocantim, pai de Pojucan.

Drama — Ubirajara, noivo de Jandira, precisa dar provas concretas de valor em força, para recebê-la como esposa.

Ubirajara luta com Pojucã, vencendo-o. Mesmo assim, vai à taba de Pojucã e avisa a Itaquê, pai de Pojucã, que o filho é seu prisioneiro. Toda a narrativa é um entrelaçamento entre o amor e a guerra. As duas figuras Jandira e Araci formam o núcleo do drama afetivo. Leia o romance.

OBSERVAÇÕES

“o sol o acompanha amigo”: metáfora; amigo = elegante modelo de complemento predicativo.

“o chefe alongou a frente” (p. 79) metonímia; frente por vista.

“a voz do velho sossobrou no peito; bela metáfora, graças ao verbo sossobrar.

D I V A

O romance passa-se por volta de 1850, no Rio. Pertence ao número dos romances sociais, tendo como cenário a capital do Império.

Trata-se de um amor platônico, despertado de repente, cheio de angústias. A protagonista é uma menina, que, quando pequenina, feia e doentinha. Quando jovem, linda e cortejada.

O livro é escrito em forma de carta para um amigo — Paulo.

Personagens principais: Emilia ou Mila; Matilde, mãe de Emilia. Eduardo, médico, apaixonado de Emilia.

A leitura de DIVA é bastante agradável. É mais um caso de nervosismo feminino.

T I L

O romance é de 1874. Passa-se no interior de São Paulo. Faz parte do ciclo de sertão. A fazenda das Palmas é o belíssimo cenário natural, onde se desenvolve a trama romanesca.

É um caso esquisito de segredo de família.

Em todo o corpo da narração, vive o tonus delicado de um grande amor. O ataque das “queixadas” selvagens é descrito com o vigor de mestre.

Personagens do romance: Miguel, “alto, ágil, de talhe robusto e bem contornado”. Inhá — “pequena, esbelta, ligeira, bolicosa”. João Fera, homem misterioso, de maus precedentes.

OBSERVAÇÕES

“elou-se ao tronco” (p. 31), isto é: cruzou as pernas, envolveu o tronco com as pernas, em forma de elo. “Elar”, verbo hipotético.

“... entrou na venda para beber um martelinho de cachaça”, isto é: dois dedos de cachaça, um trago.

“Outrora, na infância deste século já caquético”... (p. 83)

O termo “caquético” é de origem grega. Significa doença da velhice, fraqueza do corpo, caquexia. Talvez, por causa de seus males pessoais, Alencar considerava o século dezenove um velho caquético. É aquela contínua ironia do autor para com os homens...

O GAÚCHO

O assunto desenvolve-se nos pampas do Rio Grande do Sul.
É romance do ciclo sertanejo.

Divide-se a obra em dois volumes, e o próprio autor explica: “O primeiro volume é o desenho de um grande cenário e o esboço de um caráter vigoroso, cuja exuberância ainda não foi revolta e propelida pelo esto da paixão.

No 2.º volume começa o drama: o cenário se anima e o caráter apenas traçado entra em ação. O despertar daquele coração devia ser violento: é uma explosão. É um amor que nasce no meio dos combates sanguinolentos e na hora aziaga se refugia nas vascas da natureza, nas lutas espantosas dos elementos”.

Personagens capitais: Catita, Juca, Manuel Cunho.

OBSERVAÇÕES

Muito bonito: “Na pagina imensa do solo nacional, escreve a imaginação popular, a crônica íntima das gerações.”

— “gualaca” — termo gaúcho: bolsa.

— “ o gracioso rostinho de Catita, ainda amarrotado de sono.”
Metáfora.

— “onde a luz da razão nascente esgrafia. . .” (113), verbo esgrafiar, de origem italiana. Fazer desenhos, escrever com grafite ou grafito.

— “cernelha”: lombo do animal, cruzes. A corruptela e carneia.

ALFARRÁBIOS

Em dois volumes, segundo a Ed. Record. São de 1871 e 1873, respectivamente.

Não há ali uma fisionomia de romance, no seu sentido restrito.

São crônicas, que o autor diz estribadas em alfarrábios lidos nos arquivos da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, ao tempo do Brasil-colônia.

O estilo é descontraído, narrativo, meio crítico e jocoso.

Não esquece as belezas naturais do Rio, cuja graça e cores refletem-se neste passo: endeusa com carinho d'alma.

Para quem aprecia o fato histórico com o tempero da ficção, é interessante a leitura.

O livro *Marajaig* do escritor cearense Lauro Ruiz de Andrade é de feição idêntica.

Os tipos apresentados são notários públicos, militares, marinheiros.

ENCARNAÇÃO

Romance de 1893, já sob a orientação do filho, o escritor Mário de Alencar. Saiu, antes, em folhetim, no diário *Jornal Popular*, mas Alencar o compôs em 1877. Nesse ano, o romancista ressentia-se de seu alterado estado de saúde. Viera ao Ceará em 1873, atrás de melhoras.

Dali voltou em novembro do mesmo ano, para o Rio.

ENCARNAÇÃO é o reflexo do estado de alma do enfermo. Nota-se um ponto capital na narrativa: a morte. Julieta, esposa de Hermano, falece e, em torno desse falecimento, circunvola uma neurosa afligindo Hermano. Leia o livro. Verá como tudo se resolve, graças à bondade de Amália.

Personagens: Hermano, Julieta, Amália, Abreu, Veiga.

O cenário é o Rio de Janeiro, em São Clemente. É romance de cidade, com a clássica viagem à Europa.

OBSERVAÇÕES

- “volatas” — termo italiano. Significa sons executados com rapidez.
- “Até lá porém, era e queria ser flor” (p.7); “flor”: complemento predicativo de “era” e “queria ser”.
- “furriel” — de origem francesa. Antigo posto militar no exército brasileiro.
- Oportuno conceito sobre o matrimônio: “Meu marido há de pertencer-me de corpo e alma, como eu a ele, e para sempre”. (p.15) — “imbecilidade”. É palavra de origem grega.
- “Em cada bairro, há um ou mais parlatórios, que são os moinhos em que se tritura a matéria-prima para o fabrico da opinião pública.” (p. 20). Circunlóquio armado com ironia para traduzir “linguas faladeiras”.
- “pretecho” — ou apretechos, arrumação, preparativos.

AS MINAS DE PRATA

Obra em 2 volumes. O primeiro publicado em 1865; o segundo, em 1866. Tipos principais: Inês e Estácio. O romance é de cunho histórico e baseia-se na célebre lenda de um tesouro escondido nas ribas do rio São Francisco. A fecunda imaginação de Alencar aproveita acontecimentos e infunde-lhes mito e graça.

Outros livros de José de Alencar, não examinados aqui:

O ERMITÃO DA GLÓRIA, novela.

A ALMA DO LAZARO, novela. Vem apenas ao 2.º volume de Alfarrábios. Edt. Récord". Rio de Janeiro.

O GARATUJA, "estória cheia de movimento, com tendência ao humor pitoresco". (in *Monografia sobre José de Alencar*, 1977). Irmão Alberto, marista do Colégio Cearense. Esse trabalho do revm.º marista cearense é comemorativo do Centenário de morte do romancista.

LIVROS DE APOIO:

José de Alencar, de Raimundo de Menezes, cearense, Liv. Martins, São Paulo.

Iracema, edição comemorativa do Centenário do livro, sob a orientação do crítico cearense Braga Montenegro, da Academia Cearense de Letras. Imprensa Universitária do Ceará, 1965.

Ecologia de um Poema, de Raimundo Girão, da Academia Cearense de Letras.

A Literatura no Brasil, sob a direção de Afrânio Coutinho, vol. II.

José de Alencar, de Otacílio Colares, da Academia Cearense de Letras. 1977.

Ubirajara, de Otacílio Colares, n' **O Povo**. (Art.)

Monografia sobre José de Alencar. Comemorativa do Centenário de morte do escritor. 1977. Rev. Irmão Alberto, cearense, do Colégio Cearense.